

CRÔNICAS: DRUMMOND E O LEITOR

Rosa Maria Graciotto Silva
UEM

Em uma carta a Mário Quintana, datada de 30 de junho de 1975, Carlos Drummond de Andrade tece elogios a "Pé de pilão", obra do amigo endereçada ao público infantil. Confessando sua aversão aos livros e histórias infantis que costumam pecar pela negação do espírito da infância, o poeta aponta em "Pé de pilão" características essenciais à obra literária como a graça, a inventividade e o envolvimento da melodia-verbal, que além de redundar na criação de uma pequena obra-prima, cativam, em sua simplicidade, os leitores de todas as idades.

Essa essencialidade da obra literária voltada para o leitor-criança que Drummond encontrou e se encantou ao ler "Pé de Pilão", é a mesma com que nos deparamos, ao ler as crônicas drummondianas que compõem a série "Para gostar de ler" em seus volumes 1, 2, 3, 4 e 5.

Autor de uma obra grandiosa, tanto em quantidade como, principalmente, em qualidade, Carlos Drummond de Andrade procurou atender não somente aos anseios do público adulto, pois criou obras direcionadas especificamente às crianças como "O elefante" (1983) e "História dos dois amores" (1985). Esse voltar-se para um tipo especial de leitor já se encontra, entretanto, em um projeto de leitura desenvolvido a partir de 1977 em parceria com Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Trata-se da referida série "Para gostar de ler" da editora Ática que reunindo crônicas selecionadas de obras diversas desses autores, convida o "amigo estudante" à descoberta do mundo da leitura.

Publicadas primeiramente em jornais, as crônicas contidas na série "Para gostar de ler" foram, posteriormente, publicadas em livros, passando, assim, do público leitor de jornais para o público leitor de livros. Após um novo processo de seleção e organização volta-se, nesta nova edição, para um público mais específico: o estudante.

Nessa particularização do leitor, inserido em ambiente escolar, particulariza-se, também, a finalidade da obra que lhe é destinada, circunscrita no prefácio do 1.º volume e que é assinado pelos quatro cronistas. Estes, fazendo do prefácio um convite, dirigem-se ao leitor, amigavelmente, procurando cativá-lo para a descoberta prazerosa do maravilhoso mundo da leitura e, em especial, o da crônica. De maneira simples introduzem uma conceituação desse gênero narrativo: "crônica é um escrito de jornal que procura contar ou comentar histórias da vida de hoje. Histórias que podem ter acontecido com todo mundo: até com você mesmo, com pessoas de sua família ou com seus amigos." (V. 1, p. 4).

Desvincilhando-se de qualquer outro propósito que não o do prazer, os cronistas chamam a atenção do leitor para o processo de criação da obra, deixando evidente que o prazer proporcionado pela leitura advém do trabalho artesanal do cronista na escolha e organização das palavras, adequando-as a um estilo peculiar, capaz de atrair o leitor para um mundo conhecido, mas ao mesmo tempo diferente, pois quando apresentado pelo cronista, artífice da palavra, "ganha um interesse especial" que se é motivo de alegria, o é também de reflexão. Se o livro apresentado não tem intenção de servir de pretexto para o ensino de gramática, redação ou qualquer outra matéria escolar, tem a finalidade, no entanto, de levar o leitor a "conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente." (V. 1, p. 4-5).

Nesse convite à leitura prazerosa, os cronistas resgatam o princípio aristotélico que conjuga o aprender e o admirar como responsáveis pelo prazer proporcionado pela arte. O prazer advém não da admiração do objeto em si, mas da possibilidade que este tem de levar o admirador a refletir e a raciocinar sobre aquilo que o objeto representa. É a consecução do efeito desse prazer estético que os cronistas anseiam nesse prefácio-convite, que tem como público-alvo o estudante, o leitor da série "Para gostar de ler".

Convite feito, as crônicas selecionadas (e à espera do leitor) seguem uma estrutura organizacional em que são agrupadas por assuntos ou pela indicação do local onde se dão os fatos, cabendo a cada cronista cinco crônicas, perfazendo um total de 25 nos cinco volumes. A seleção por grupos permanece do 1º. ao 4º. volume, exceto no 5º., quando as crônicas são agrupadas por autor sem qualquer outra indicação.

As crônicas pertinentes a Carlos Drummond de Andrade foram selecionadas de obras publicadas entre 1957 a 1974 e estão assim distribuídas:

Para gostar de ler v.1 (1977)

Grupo	Crônica	Obra	Ano
Crianças	No restaurante	O poder ultrajovem	1972
Animais	O pintinho	Fala amendoeira	1957
No mundo do consumo	Caso de arroz	Cadeira de balanço	1966
Tipos humanos	Serás ministro	De notícias e não-notícias faz-se a crônica	1974
A linguagem e o homem	Recalcitrante	De notícias e não-notícias faz-se a crônica	1974

Para gostar de ler v.2 (1978)

Grupo	Crônica	Obra	Ano
Em casa	Horóscopo	De notícias e não-notícias faz-se a crônica	1974
No trabalho	Caso de recenseamento	Cadeira de balanço	1966
Na condução	A abobrinha	Cadeira de balanço	1966
Na escola	Na escola	O poder ultrajovem	1972
Na rua	Diploma	Caminhos de João Brandão	1970

Para gostar de ler v.3 (1978)

Grupo	Crônica	Obra	Ano
Confusões	Assalto	O poder ultrajovem	1972
Discussões e soluções	Esparadrapo	De notícias e não-notícias faz-se a crônica	1974
Compreensões e incompreensões	A cabra e Francisco	Cadeira de balanço	1966
Ações e intenções	A menininha e o gerente	A bolsa e a vida	1962
Solicitações	Telefone	Caminhos de João Brandão	1970

Para gostar de ler v.4 (1979)

Grupo	Crônica	Obra	Ano
Utilidades	Da utilidade dos animais	De notícias e não-notícias faz-se a crônica	1974
Estilos	Glória	De notícias e não-notícias faz-se a crônica	1974
Observações	A fugitiva	Caminhos de João Brandão	1970
Palavras	Calça literária	De notícias e não-notícias faz-se a crônica	1974
As expectativas e a realidade	Mocinho	A bolsa e a vida	1962

Para gostar de ler v.5 (1980)

Crônica	Obra	Ano
Gravação	De notícias e não-notícias faz-se a crônica	1974
Carta a uma senhora	Cadeira de balanço	1966
Anúncio de João Alves	Fala amendoeira	1957
Este Natal	Caminhos de João Brandão	1970
Na lotação	Cadeira de balanço	1966

A simplicidade, a graça e a inventividade, características de "Pé de pilão" que cativaram Carlos Drummond de Andrade, juntam-se a outras, próprias do gênero em questão.

Eleita como motivo sedutor para levar o leitor ao hábito da leitura, a crônica prima pela brevidade e pelo tom despretencioso de quem relata ou comenta fatos do cotidiano, que numa aparente "conversa fiada", com ares de superficialidade e com uma nota de humor diz coisas sérias e empenhadas:

Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (CANDIDO, 1980, P.G.L., V. 5, p. 11)

Embora Drummond enfatize em "A bolsa e a vida" (1979, p.1149) o caráter de amenidade com que reveste as crônicas, evitando "atormentar o leitor — apenas, aqui e ali, recordando-lhe a condição humana.", em verdade, a vida refletida em "estado de crônica" como quer o cronista, é de uma amenidade que cativa e que sutilmente insere o leitor em questões mais profundas. As duas crônicas selecionadas deste livro desmistificam a aparente superficialidade de que se revestem. Em "A menininha e o gerente" (V. 3, p. 54-56) o relato do encontro fortuito entre

essas duas personagens serve como motivo desencadeador para que o leitor reflita sobre a solidão, a ausência de pessoas queridas e a necessidade do outro para preencher o vazio existencial. O final frustrante dessa crônica reitera-se em "Mocinho" (V. 4, p. 66-68) que põe em foco a ficção e a realidade. Se a primeira preenche as expectativas enquanto ficção, a segunda ao desmistificá-la mostra que a realidade é feita de imperfeições.

O clima de frustração presente nestas duas crônicas se intensifica em "O Pintinho" (V. 1, p. 28-30), que ao comentar o inusitado modo de comemorar um aniversário infantil, em que um pintinho de um dia é dado como lembrança da festa aos convidados, põe em foco o alheamento do ser, principalmente o da criança, que em uma sociedade de valores degradados distancia-se de bens essenciais à sua formação. Publicada em 1957 na obra "Fala, amendoeira", esta crônica antecipa um tema caro à literatura infantil de Wander Piroli que, em 1975, em sua obra "O menino e o pinto do menino" resgata os valores priorizados na crônica drummondiana.

Se nestas crônicas impera um clima de negatividade, em outras a realidade se revela com o auxílio cativante do humor. Ao focalizar cenas do cotidiano de grandes centros urbanos, Drummond, sob a graça do riso, traz à tona flagrantes da miséria humana. É o que ocorre em "Serás Ministro" (V. 1, p. 57-60) que registra as peripécias em que se envolve uma personagem, desde a infância à idade adulta, motivadas pelo nome de "Ministro" que lhe dera o pai, em busca de notoriedade. Em "Diploma" (V. 2, p. 72-74) e "Carta a uma senhora" (V. 5, p. 19-20) castiga-se o afã comercial quanto à comemoração de datas significativas. Se "Diploma" registra o quadro em que um vendedor ambulante convence um rapaz analfabeto a comprar um diploma para homenagear sua mãe, em "Carta a uma senhora" uma menina, cumprindo uma tarefa escolar, mostra seu conflito de querer presentear a mãe adquirindo presentes divulgados pela "mídia", mas de não possuir condições financeiras para a consecução desse desejo. Nestas crônicas, sob a máscara da lírica infantil tem-se o desmascaramento da sociedade de consumo.

O analfabetismo e a miséria retornam em "Glória" (V. 4, p. 32-34) pungente depoimento de uma mãe, lavadeira por profissão, sem registro de nascimento, uma anônima entre tantas e que tem um momento de glória pelo fato de seu filho participar, ainda que graciosamente, de um comercial de TV. A crítica aos entraves burocráticos presentes nesta crônica encontra-se, também, em "Telefone" (V. 3, p. 64-66) que contrapondo a voz de um funcionário público a de um dos milhões de brasileiros dependentes do funcionamento dessa máquina burocrática, mostra os percalços, na época, para quem tinha como desejo excelso conseguir uma linha telefônica.

O olhar atento do cronista registra o crescimento da violência urbana que se presentifica em "Este Natal" (V. 5, p. 21-24) e "Esparadrapo" (V. 3, p. 34-36). Na primeira, valendo-se da personagem João Brandão (personagem motivadora das crônicas da obra "Caminhos de João Brandão") o cronista aponta os vários tipos de aproveitadores que campeiam em época natalina. Já em "Esparadrapo", aproximando-se do conto de mistério, gradativamente, o leitor toma conhecimento de um assalto ocorrido em um restaurante de um bairro e das medidas preventivas assumidas pelo dono, a quem o cronista sugere, como paliativo, um estoque de esparadrapo, uma vez que o descrédito pela segurança pública é notório: "Na polícia me perguntaram se eu tinha seguro contra roubo. E eu pensando que meu seguro fosse a polícia." (V. 3, p. 36).

Em algumas crônicas Drummond contrasta o discurso da criança com o do adulto, desmistificando o poder deste, como se observa em "No restaurante" (V. 1, p. 22-24), "Na escola" (V. 2, p. 54-57), "Da utilidade dos animais" (V. 4, p. 17-20), "Gravação" (V. 5, p. 16-28). A cena hilariante de um jantar em que um pai e sua filha de aproximadamente quatro anos testam a quem cabe o autoritarismo e a submissão revela mais do que uma simples "operação-jantar". Retirada da obra "O poder ultrajovem" (1972) a crônica "No restaurante" sutilmente alude ao autoritarismo da ditadura militar que vigorou no Brasil após 1964. Se sob a opressão do autoritarismo a juventude brasileira parece sucumbir, Drummond, valendo-se da alegoria do riso

fornece as características necessárias para a continuidade do seu enfrentamento: "Se, na conjuntura, o poder jovem cambaleia, vem aí, com força total, o poder ultrajovem" (V. 1, p. 24), que se mostra decidido, persistente e batalhador tenaz na busca de seus objetivos. A estas características se acrescenta a rápida capacidade de aprender, tônica de "Na escola", crônica pertencente à mesma obra anterior. A propósito de um plebiscito, verificando se a professora deveria ou não usar calça comprida no ambiente de trabalho, põe-se em prática o labor democrático "tarefa que talvez, quem sabe? no futuro sejam chamados a desempenhar" (V. 2, p. 56).

Se as incertezas deflagradas pelo entrevistado de "Gravação" povoam o discurso do mundo adulto, desacreditando-o perante o jovem entrevistador é, entretanto, em "Da utilidades dos animais" que o fato ganha maiores proporções, quando a professora que é um amor, apregoando a utilidade dos animais, encerra seus ensinamentos admoestando os alunos de que "devemos amar os animais e não maltratá-los de jeito nenhum" (V. 4, p.20). A síntese do aprendizado feita pelo aluno evidencia a incoerência do discurso da professora: "— Entendi. A gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pêlo, o couro e os ossos." (V. 4. p. 20)

O descrédito ao autoritarismo, evidente nestas crônicas, entra em contraste com a conjuntura política da época que tinha no poder do autoritarismo sua chave-mestra.

É ainda no prisma desse autoritarismo que em "Caso de arroz" (V. 1, p. 48-49) a dona de casa, moradora do Leblon "país-do-está-em-falta" supre sua despesa em Caxias "país-da-fartura" burlando a fiscalização dos guardas alfandegários.

Entretanto o olhar lírico do poeta também se queda em crônicas como "A cabra e Francisco"(V. 3, p. 44-46), "No lotação" (V. 5, p. 25-25) e "Calça literária" (V. 4, p. 62-64), inserindo o leitor nos meandros da poesia.

Em "A cabra e Francisco" avulta a ternura do porteiro Francisco que, seguindo seu homônimo santo, trata com carinho uma cabra ferida por uma bala calibre 22, marca da violência na noite carioca. Se nesta crônica recorda-se Ariano Suassuna e seus autos, em "Calça literária" relembram-se versos de poetas como Camões, Vinícius de Moraes, Fernando Pessoa, Olavo Bilac, Cecília Meireles, Castro Alves e do próprio Carlos Drummond de Andrade.

Além da popularização da literatura, enfeitando até mesmo uma calça, "a primeira calça poética luso-brasileira", a música popular ganha seu espaço na crônica "No lotação", em que o canto suave de um rapaz quebra a rotina daqueles que usualmente tomam os assentos do lotação, indiferentes ao que se passa ao seu redor. O cronista ao registrar a indiferença dos passageiros, da qual não se exclui, retorna a esse alheamento em "Recalcitrante" (V. 1, p. 70-73), relatando como observador impassível a discussão entre o cobrador do lotação e um passageiro, motivado pela falta de respeito deste às regras estabelecidas e pelo desconhecimento do significado da palavra recalcitrante. Esse clima de indiferença pela desgraça alheia permanece em "A abobrinha" (V. 2, p. 43-45), envolvendo novamente um cobrador que levanta uma falsa suspeita sobre uma passageira que teria levado o troco e a nota com que pagara a passagem.

Lotação, loja, restaurante, escola, rua, hospital, feira, o interior de uma casa são ambientes propícios para o cronista capturar os fatos que motivam a crônica do dia, seja para registrar o alto custo de vida como em "O assalto" (V. 3, p. 12-14), seja para focalizar o relacionamento das pessoas, em ambiente familiar ou de trabalho, como em "Horóscopo" (V. 2, p. 26-28) e "Caso de recenseamento" (V. 2, p. 30-32).

Para recriar cenas do cotidiano e promover uma aproximação com o real circundante, Drummond usa de recursos vários. O mais usual é o da aproximação com o conto sem apresentar, entretanto, a tensão que lhe é característica. Ao narrador cabe uma participação mínima, conduzindo a narrativa em momentos imprescindíveis e, assim mesmo, de forma muito

reduzida. Há crônicas elaboradas somente com diálogos, dispensando a presença do narrador. Com um estilo preciso, usando de uma linguagem adequada ao gênero e ao público a que se destina, frases curtas, presença de oralidade e uma boa dose de humor, Drummond realiza o que se propõe em "Caminhos de João Brandão":

Enquanto discutem com erudição os entendidos que bicho é a crônica — gênero literário ou número de show, mescla de conto e testemunho, alienação ou radar — meu amigo João Brandão vive sua vida entre a rotina palpável e a aventura imaginável, e eu vou cronicando seu viver [...] (Drummond, 1979, p. 1295)

Nas 25 crônicas drummondianas que integram os cinco volumes iniciais da série "Para gostar de ler" o cronista, valendo-se criativamente das características próprias do gênero, concretiza o propósito exposto no prefácio-convite que abre a coleção. Explorando adequadamente os recursos lingüísticos e poéticos, Drummond seduz o leitor que é levado sutilmente, através de uma aparente conversa fiada, a conhecer os meandros da realidade que não se restringe somente ao painel urbano da segunda metade do século XX, estendendo-se à atualidade. Nesse propósito, com a transfiguração literária do fato aparentemente desimportante, a crônica drummondiana rompe com a efemeridade herdada do jornal, seu primeiro veículo de divulgação, e ganha a glória da atemporalidade, propiciando ao leitor o exercício da criticidade, ao levá-lo a "conferir, pensar e entender melhor" o que se passa dentro de si e dos outros.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, C. Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- ANDRADE, C. Drummond de et alii. *Para gostar de ler*. V. 1. São Paulo: Ática, 1977.
- _____. *Para gostar de ler*. V. 2. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. *Para gostar de ler*. V. 3. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. *Para gostar de ler*. V. 4. São Paulo: Ática, 1979.

_____. *Para gostar de ler*. V. 5. São Paulo: Ática, 1980.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do Chão in *Para gostar de ler* V. 5, São Paulo: Ática, 1980, p. 413.

QUINTANA, Mario. *Pé de pilão*. 6^a. ed., Porto Alegre: L & PM Editores, 1981, contracapa.